

ÖWAWE HOIBARÉ/RIO DAS MORTES VIVO/RIO DAS MORTES ALIVE

DOI
10.11606/issn.2525-3123.
gis.2023.199661

**DOSSIÊ MUNDOS EM PERFORMANCE:
NAPEDRA 20 ANOS**

ANA LÚCIA FERRAZ

ORCID
<https://orcid.org/0000-0003-3672-8784>


Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, Brasil, 24210-201 –
posantropologiauff@gmail.com

INTRODUÇÃO

A série de vídeos Öwawe Hoibaré compõe-se de episódios nos quais documento as relações dos povos A'uwé Xavante com o Rio das Mortes, no contexto em que o projeto de uma hidrelétrica é apresentado aos a'uwé pela empresa do grupo Bom Futuro, um gigante do agronegócio brasileiro, que tem história em barrar rios ao lado de terras indígenas, no Mato Grosso, Brasil.

Esse rio acolhe os xavante desde o início do século XX, quando esse povo, retirando-se do contato com o homem branco e fugindo da epidemia de varíola, encontra o Rio das Mortes e a missão salesiana. Segundo Gomide (2011, 118), a década de 1940 se caracteriza pela “ocupação da fronteira agrícola centro-oeste sob a ideologia da ocupação de espaços ‘vazios’ e conquista de territórios, com a ‘Marcha para o Oeste’ através da Expedição Roncador Xingu e da Fundação Brasil Central”. Com a chamada “pacificação oficial” (Gomide 2011, 118), os a'uwé se sedentarizam em torno das missões salesianas e obtêm, ao longo do tempo, a demarcação e homologação de algumas de suas terras.

Os xavante vivem hoje em nove terras indígenas, sendo metade delas às margens do Rio das Mortes. Essa sociedade se divide em dois clãs exogâmicos, öwawe e poredza'ono, rio e girino, e se organiza segundo uma



complexa vida ritual que se diferencia por grupos de idade (Maybury-Lewis, 1984; Graham, 1985, Falleiros, 2011). Aracy Lopes da Silva (1986), de quem tive a sorte de ser aluna nos anos 1990, caracteriza em detalhe a estrutura social dos xavante e recomenda o aprofundamento da análise antropológica de seu corpus mitológico.

Essa etnografia visual foi realizada ao longo do mês de maio de 2022 e visou levantar elementos para um estudo sobre as relações materiais e simbólicas dos a'uwé xavante com o Rio das Mortes. Os vídeos foram editados em pequenas cápsulas de até dez minutos, circulando no contexto em que os a'uwé pedem o reconhecimento de seu direito à consulta livre, prévia e informada, frente ao projeto de uma hidrelétrica que propõe construir uma barragem no rio, com enorme impacto sobre a vida dos peixes, as matas ciliares e todos os seres do Ró, o Cerrado.

Uma análise da mitologia a'uwé nos permite vislumbrar as relações simbólicas em que o clã öwawe é o rio e as mulheres são associadas ao peixe. O rio alimenta os a'uwé com o peixe e todos os rios e córregos da região noroeste do Mato Grosso com sua água, até desaguar no Rio Xingu.

Para os auwé, a água é um elemento fundamental, que marca os diferentes momentos do ciclo da vida xavante. É um espaço social essencial para a infância; os jovens fazem no rio o ritual de iniciação masculino, e mesmo na morte o rio tem o seu papel. O rio marca os diferentes momentos da vida da pessoa. Na infância, os pais ensinam as crianças a se banharem cedo no rio, a entrar na água, pular para cima e se abaixar, para crescer rápido e se purificar. Tomar banho no rio protege e livra a pessoa dos espíritos maus.

Na passagem para a vida adulta, fazem os rituais de furação da orelha dos homens. Depois de participar desse ritual de passagem, os jovens, com seus brincos, fazem parte da categoria ritei'wa e podem manter relações sexuais. Nesse rito, o grupo de jovens homens bate na água por um mês, antes da furação de orelha que diferencia os homens a'uwé. Depois que estão com as orelhas amolecidas, os mais velhos fazem a perfuração com o osso da onça, e os jovens voltam a bater água novamente por cerca de dez dias. Esses rituais purificam e fortalecem o espírito. Da mesma forma, no mito dos U'ú, presente no rito de nomeação de mulheres, as lagoas e o rio são as principais referências espaciais.

Quando morre um a'uwé uptabi, o cabelo de seus parentes é raspado e enterrado na beira do rio. O rio levará todas as dores; o espírito da pessoa se purificará, para poder renascer rapidamente. Assim, depois, o cabelo crescerá bem, será um cabelo bonito. O espírito regressará à aldeia dos mortos.

Represar o rio é acabar com os peixes e ameaçar os rituais que caracterizam o modo de vida a'uwé uptabi. Do ponto de vista a'uwé, os rios devem fluir sempre para que haja saúde na terra, para que os peixes estejam vivos e os ciclos de vida possam se renovar.

A água purifica e faz a pessoa crescer; o espírito da água acompanha os a'uwé xavante, nutrindo as aldeias. No seu repertório mítico, a história dos peixes, que os mais velhos contam, fala do parentesco com eles: os peixes são as antigas mulheres que caíram no rio e foram transformadas em peixe.

ÖWAWÉ HOIBARÉ

No primeiro episódio da série Öwawe Hoibaré/Rio das Mortes Vivo, um senhor pescador, Taseretomodzatse Moritu, nos diz que o rio é como a mãe que alimenta e amamenta os filhos e sobrinhos, nutrindo-os. O rio flui, e seu fluxo nutre todos os córregos da bacia hidrográfica, permitindo que, assim, o peixe suba as águas (Öwawe Hoibaré 2022a). https://www.youtube.com/watch?v=G1bEiWC86_8

As matas ciliares do rio são a casa de inúmeras espécies de animais, cada um deles um outro para os a'uwé, pescadores, caçadores, coletores da vegetação do Cerrado que caracteriza essa região, o Ró. Ele é a morada do mundo xavante, fonte de elaboração de sua riqueza ritual e mítica, de seu sistema de classificação e de seus saberes próprios. Os caminhos pela mata (Gomide, 2009) – hoje restrita às terras indígenas demarcadas e às matas ciliares – conectam os a'uwé das diferentes regiões, apesar do cerco do agronegócio que avança com suas estradas, ferrovias, cercas de arame, tratores, caminhões e a nefasta ideia do “aproveitamento hidrelétrico”.

Pude documentar as práticas da pesca e a da educação das crianças às margens dos rios da bela bacia hidrográfica do Rio das Mortes, hoje ameaçada. Na sequência Tepemrami/Pesca, acompanhamos a visita dos wapté à cachoeira da fumaça, atividade proposta pelos professores e aceita pelos padrinhos, no distrito de Toricoejo (Öwawe Hoibaré 2022b). <https://www.youtube.com/watch?v=588vOIXrhGw&t=7s>

A educação das crianças se dá com o rio, assim como uma série de práticas corporais e jogos, lutas. Tomar banho, beber, cozinhar, todo o uso doméstico. Cada menino é um nadador. As aldeias se dispõem ao longo das bacias hidrográficas. <https://www.youtube.com/watch?v=V6YQSS9GaqU&t=38s>

Em São Marcos/Etenhori'pré, há a presença da missão; em Etenhiritipa (Terra Indígena Pimentel Barbosa), a referência à presença do Estado é “o

Posto Indígena, onde já não moram brancos”. Em ambos, o processo de virar uma pessoa, um afim, passa por ganhar um nome, muitos vínculos, e então fazer parte de alguma metade (Öwawe Hoibará 2022c).

Em outro episódio, em Etenhiritipá, (Terra Indígena Pimentel Barbosa), Jurandir Ruró Xavante menciona a relação entre o sistema clânico e os rios e córregos, onde vivem os girinos. Depois, Eurico explica que uma planta da beira rio é poredza’ono, porque nasce na borda d’água, e é um ancestral encarnado (Öwawe Hoibará 2022d). <https://www.youtube.com/watch?v=SxjHKZws-UU&t=313s>

Os curtas aqui apresentados estão circulando nas redes a’uwé como forma de abrir espaços de debate sobre o contexto da ameaça que a hidrelétrica cria na vida com o rio nas Terras Indígenas Xavante.


ENTRADAS COLONIAIS SOBRE O CERRADO HOJE

Vemos, hoje, a ampliação da fronteira capitalista sobre as terras indígenas no Cerrado e na Amazônia, em um processo voraz de introdução da pressão para entrada da lógica da mercadoria, organizando a vida (Neves e Mendonça, 2018). Os A’uwé vivem bem, com seu rio, a caçada e o peixe, apesar da saúde, da escola e da Fundação Nacional dos Povos Indígenas (Funai).

Em seus estudos sobre os avanços da fronteira capitalista, entre uma frente de expansão e outra frente pioneira, Martins (1996) diz que o tempo da fronteira é o do encontro de distintas temporalidades. Tempo violento do encontro das lógicas dos grandes proprietários de terras, colonos que se assenhорaram do Mato Grosso e a cosmológica indígena, configurando “conflitos por distintas concepções de destino” (Martins 1996, 45). Este trabalho contínuo vai cartografar esse processo com o vídeo.

Frente ao caso das hidrelétricas da Entre Rios Energia, no contexto de todos os avanços do capital sobre as terras protegidas hoje, os a’uwé demandam a realização da consulta livre, prévia e informada, como direito garantido pela Convenção nº 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT). Os xavante defendem que a consulta seja feita em todas as terras indígenas que margeiam o Rio das Mortes: São Marcos, Merure (Boe Bororo), Areões e Pimentel Barbosa, além de Sangradouro, onde a empresa tem se reunido com algumas aldeias sem encaminhar o processo de consulta ao povo xavante.

No Mato Grosso, hoje, outra forma do assédio sobre as terras indígenas assume a forma do “Agro Xavante”, experiência de formalização de uma



cooperativa de produção de grãos (COOIGrandeSan), formada a partir do fomento do Sindicato Rural de Primavera do Leste/MT. Esse projeto é o modelo da “política indigenista” do governo que foi instaurado entre os anos de 2018 e 2022, que visou legalizar práticas criminosas que não respeitam o direito à diferença dos povos indígenas. A influência dos ruralistas sobre a ideia da cooperativa é exibida em toda peça visual produzida acerca do caso a partir de Sangradouro. Mencionam, ainda, que já houve a tentativa de legalizar o assédio dos produtores rurais à terra indígena antes, quando os tratores dos fazendeiros locais desmataram a região em 2002. Por isso, hoje, a terra é nomeada como “previamente antropizada” nos processos que tramitaram e foram aprovados no Ministério Público do Mato Grosso, legalizando a cooperativa e seus “Termos de Cooperação Técnica Agrícola”. A Funai permitiu, o Ministério Público também. Em Sangradouro, 11 mil hectares de mata nativa haviam sido transformados em roça de monocultura, Cerrado abaixo.

Propondo incentivos ao arrendamento ilegal de terras indígenas, propagando a produtividade da soja, a mecanização, o desmatamento e a monocultura, os fazendeiros cedem o trator e ficam com a safra. A lógica pobre do lucro a qualquer custo não poderá comprar a presença do Ró, o Cerrado, na vida A’uwé.

O Cerrado, sua vegetação, os animais, as raízes, o peixe e o beiju, os ciclos rituais e conhecimentos, nada disso tem preço. A retórica produtivista ignora toda a riqueza dos conhecimentos construídos ao longo de séculos de relação com o Ró. As roças, a caça, os remédios, a pesca, as aldeias, a saúde, os sistemas rituais e os corpos.

O motor do conflito que arma o problema é o agronegócio que, com suas estradas, caminhões, ferrovias e aviões, avança sobre as terras e as águas, sobre os pássaros, os peixes e todos os seres do Cerrado.

É o Ró que os a’uwé xavante defendem. As hidrelétricas no Rio das Mortes não passarão, porque seguramente impactarão suas vidas, a começar pela alimentação tradicional. Com a sedentarização dos A’uwe, na fixação nas missões e demais terras indígenas, cresceram as doenças que se relacionam com a alimentação, como a diabetes e a pressão alta, e também a tuberculose. A introdução do açúcar, também sob a forma de refrigerantes, pães e bolos, macarrão, além de grãos, tais como o arroz, alteram a ordem nutricional dos corpos xavante. Esses elementos não deixaram de influir nas altas taxas de vítimas fatais da pandemia de covid-19. Sem o rio, a alimentação própria será profundamente dificultada.

Este é um trabalho em processo, que propõe uma intervenção com vídeo no estudo das relações entre os a’uwé e o rio, em um instante como este.

O vídeo etnográfico, neste projeto, visa documentar a situação posta e intervir no processo ao mesmo tempo. Criando um espaço de visibilidade para os modos de vida a'uwé e suas relações com öwawe, circulando primeiro para dentro, depois para o mundo do branco, o trabalho pretende narrar o caso do ponto de vista a'uwé xavante.

Na organização de mostras do material nas aldeias e nas vilas e cidades próximas, constitui-se o movimento Rio das Mortes Vivo. A circulação dos materiais em vídeo (falado na língua xavante) deve repercutir nas redes a'uwé, colaborando com a constituição de uma arena pública em que se discuta o direito ao próprio modo de vida. Todos os cuidados com as equívocas várias e a atenção às relações de rivalidade que se põem e repõem a cada grupo separado de outro serão necessários.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Falleiros, Guilherme Lavinias Jardim. 2011. *Datsi'a'awedzé: vir a ser e não ser gente no Brasil Central*. Tese de doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Gomide, Maria Lucia Cereda. 2009. *Marãñã bödödi: a territorialidade Xavante nos caminhos do Ró*. Tese de doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Gomide, Maria Lucia Cereda. 2011. Ró – Cerrados e Mundo A'uwe Xavante. *GEOUSP Espaço e Tempo*, vol. 15, no. 29: 117-130.
- Graham, Laura. 1995. *Performing dreams: discourses of immortality among the Xavante Indians of central Brazil*. Austin: University of Texas Press.
- Graham, Laura e Top'tiro, H. 2021. Maintaining Equilibrium with 'Ró: A'uw (Xavante) Territorial Rights, Obligations & Justice. SALSA. (mimeo cedido pelo autor).
- Martins, José de Souza. 1996. O tempo da fronteira: retorno à controvérsia sobre o tempo histórico da frente de expansão e da frente pioneira. *Tempo Social*, vol. 8, no. 1: 25-70.
- Maybury-Lewis, David. 1984. *A Sociedade Xavante*. Trad. Aracy Lopes da Silva. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- Neves, Pedro e Mendonça, Marcelo Rodrigues. 2018. O papel da IIRSA na produção atual do cerrado: impulsão da exportação de soja para o mercado chinês e os conflitos territoriais. *Geografia*, vol. 43, no. 2: 223-235.
- Silva, Aracy Lopes da. 1986. *Nomes e amigos: da prática xavante a uma reflexão sobre os Jê*. São Paulo: FFLCH/USP.

FILMOGRAFIA CITADA:

Öwawe Hoibare. 2022a. *Öwawe Hoibare/Rio das Mortes Vivo*. 6', vídeo. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=GlbEiWC86_8. Acesso em: 27 jan. 2023.

Öwawe Hoibare. 2022b. *Owawe hoibare/Rio das Mortes Vivo 2. Tepemrami/A pesca (legendado em Português)*. 10', vídeo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=588vOlxrhGw&t=7s>. Acesso em: 27 jan. 2023.

Öwawe Hoibare. 2022c. *Öwawe hoibare 4 – Tsi'rami*. 4', vídeo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=V6YQs9GaqU&t=38s>. Acesso em: 27 jan. 2023.

Öwawe Hoibare. 2022d. *Öwawe Hoibare 6. Etenhiritipa 2 (legendado em Português)*. 8', vídeo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SxjHKZws-UU&t=313s>. Acesso em: 27 jan. 2023.

PALAVRAS-CHAVE

A'uwé Xavante; Rio das Mortes/MT; Hidrelétrica; Barragem; Filme etnográfico.

KEYWORDS

A'uwé Xavante; Rio das Mortes/MT; Hydroelectric; Dam; Ethnographic film.

RESUMO

A série de vídeos Öwawe Hoibaré compõe-se de episódios nos quais se documentam as relações dos povos A'uwé Xavante com o Rio das Mortes, em um contexto em que o projeto de uma hidrelétrica é apresentado aos a'uwé por uma empresa gigante do agronegócio brasileiro.

ABSTRACT

The Öwawe Hoibaré video series consists of episodes which document the relations between the A'uwé Xavante peoples and the Rio das Mortes, in the moment where the project for a hydroelectric plant is presented to the A'uwé by a Brazilian agribusiness giant.

Ana Lúcia Ferraz é professora do Departamento de Antropologia da Universidade Federal Fluminense (UFF), no qual coordena o Laboratório do Filme Etnográfico. Fez o pós-doutorado em EcoPoéticas na Université de Perpignan, França (2021) e junto ao Grupo de Antropologia Visual da Universidade de São Paulo (USP) (2010). É doutora em Sociologia pela USP (2005), mestre em Antropologia Social (USP, 1999) e bacharel em Ciências Sociais (USP, 1995). Tem publicado recentemente, cruzando os debates dos campos da Antropologia Visual e da Etnologia Indígena. E-mail: analuciaferraz@id.uff.br.

Licença de uso. Este artigo está licenciado sob a Licença Creative Commons CC-BY. Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

Recebido em: 30/06/2022

Aprovado em: 10/10/2022